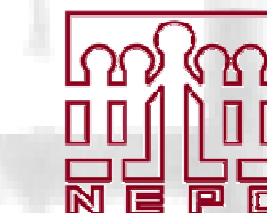


VULNERABILIDADE DO LUGAR E PERIGOS AMBIENTAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS: UM ESTUDO DO JARDIM AMANDA, HORTOLÂNDIA (SP)



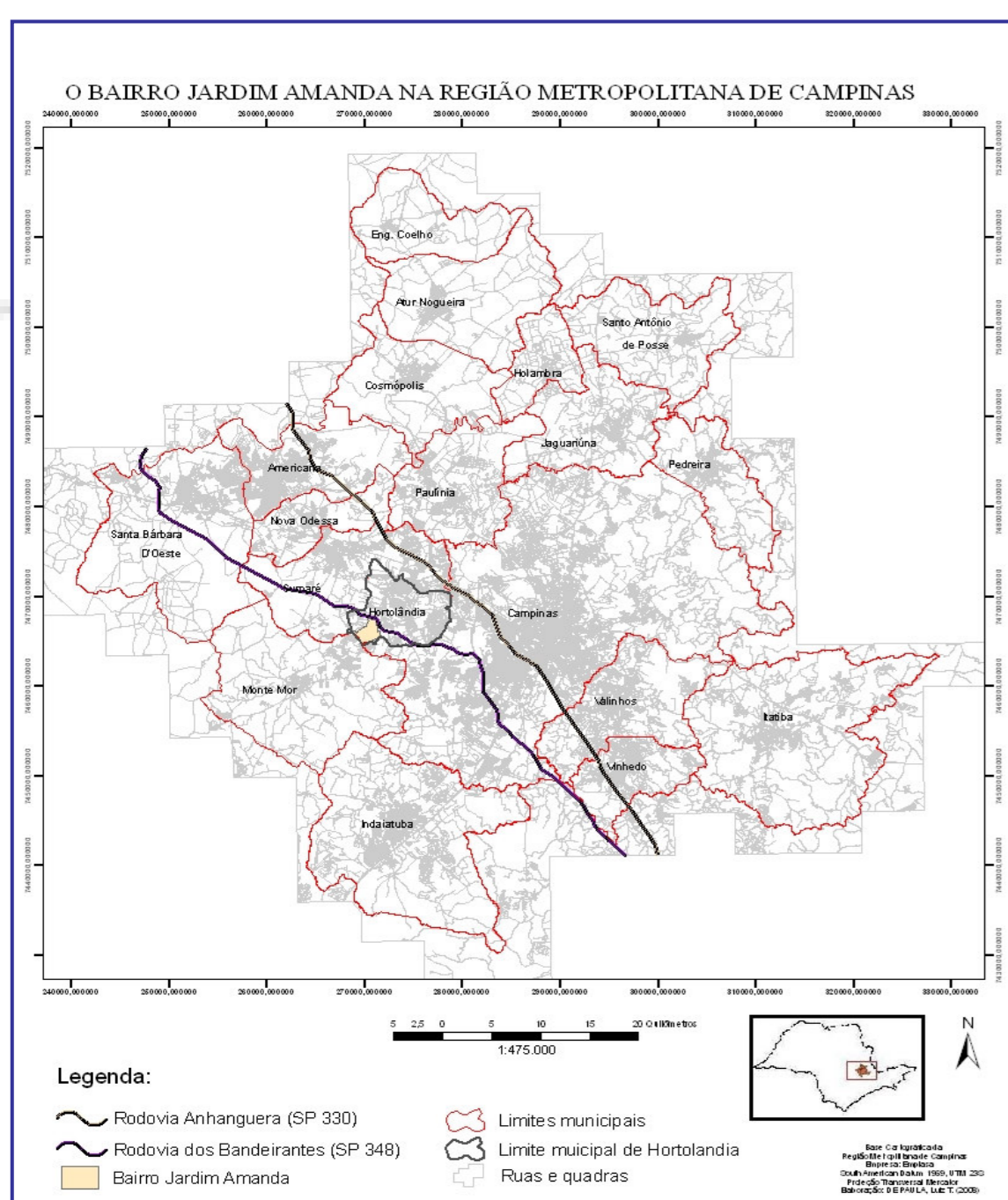
Resumo

Conceito central e de âmbito interdisciplinar, no cenário político e científico, a vulnerabilidade tem se destacado pela sua polissemia e multiplicidade de abordagens. Este trabalho aspirou compreender a vulnerabilidade do bairro-lugar e sua configuração em contextos espaciais específicos, de pequena e microescala. Contextualizada nos interesses do campo de estudos entre população e ambiente (face de contato dinâmica entre Geografia e Demografia), de aporte fenomenológico na Geografia Humanista, esta pesquisa analisou como se configura os perigos e riscos ambientais do bairro Jardim Amanda, Hortolândia (SP). A partir de trabalhos de campo, o intento foi o de investigar como pequenos contextos geográficos configuram distintos tipos de vulnerabilidade dentro do próprio bairro, sendo capaz de produzir diferentes percepções sobre os riscos e perigos ambientais: elementos que influenciam diretamente a capacidade de resposta das pessoas e do lugar, em seu cotidiano.

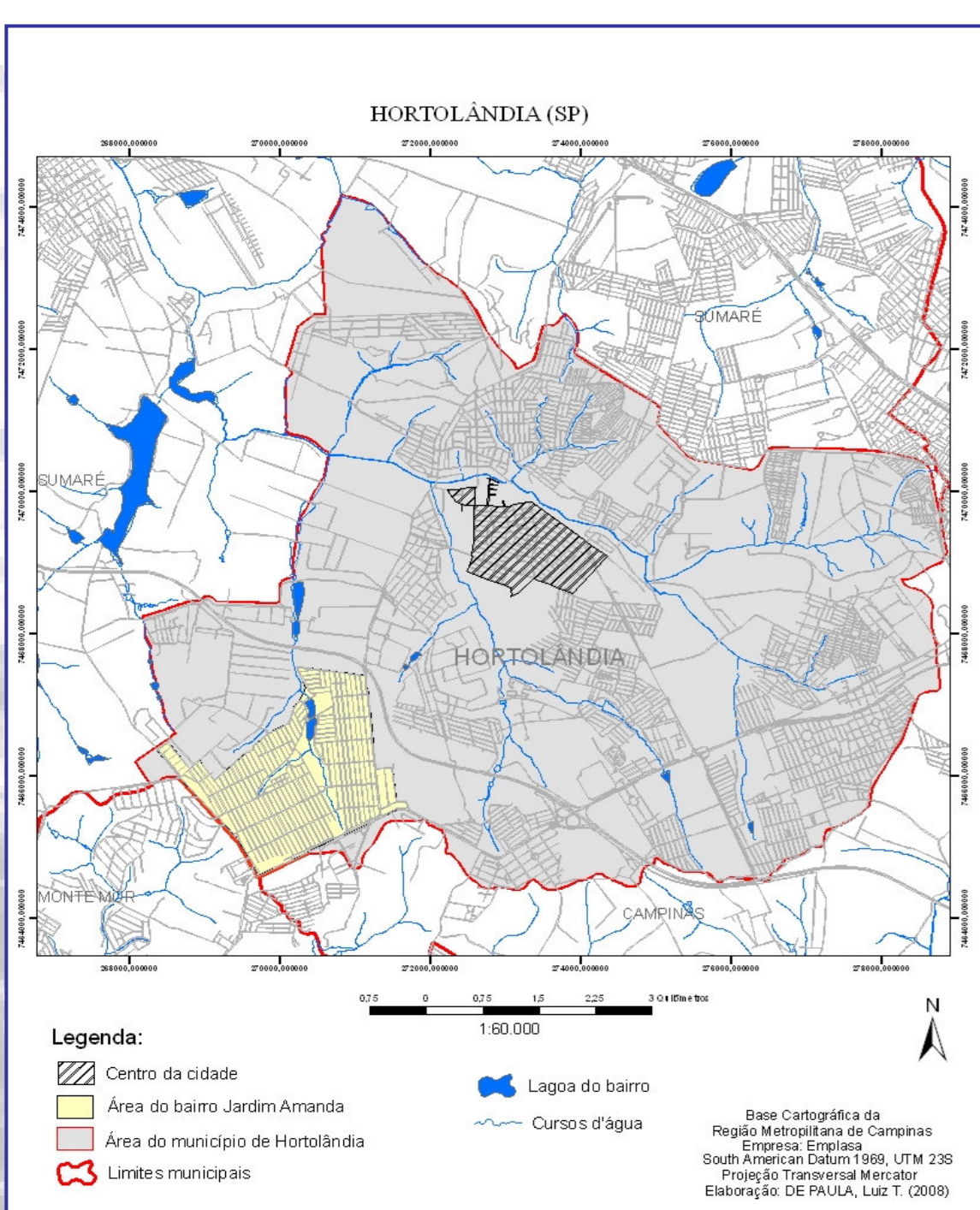
Palavras-chave

Vulnerabilidade do lugar; riscos e perigos ambientais; população e ambiente

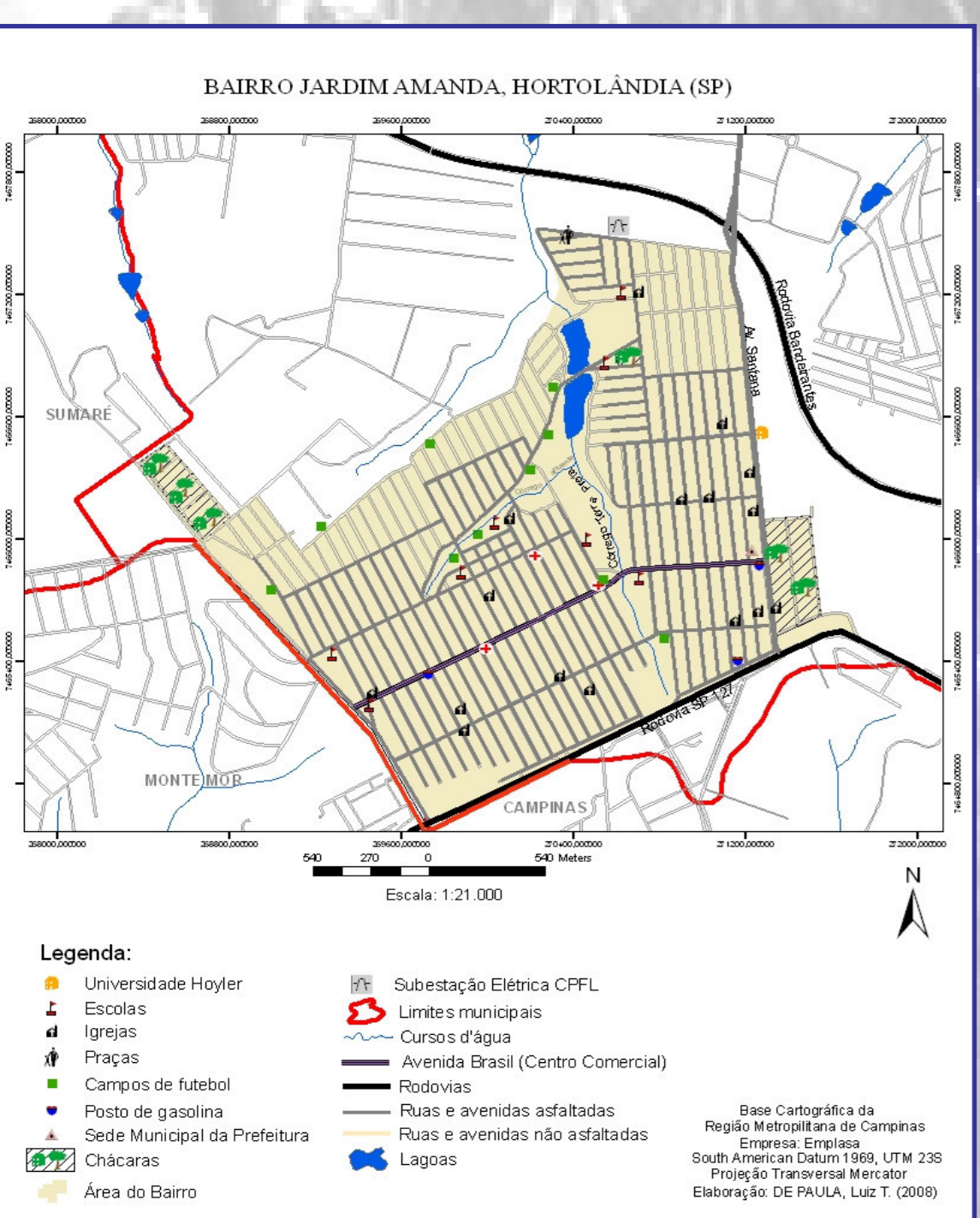
Onde fica o bairro Jardim Amanda?



A Região Metropolitana de Campinas e Hortolândia
Integrando dezoito municípios, essa região compõe uma das mais importantes metrópoles do país. Referência de pólos tecnológicos e econômicos, a Região Metropolitana acarreta em si riscos e perigos ambientais geralmente associados a esse modelo de modernização: contaminação de solo, ocupação urbana caótica, deslizamento de massa, poluição atmosférica, pobreza, violência e segregação. Hortolândia, ex-distrito, com apenas dezessete anos de emancipação da cidade de Sumaré, é uma das cidades da região com maiores índices de padrões de mobilidade e movimentos pendulares. Revela indícios de que o município se encontra ainda em fase de construção, abarcando riscos e perigos específicos dentro de seu próprio contexto urbano e metropolitano.



Segregação socioespacial e adaptação: o bairro Jardim Amanda
Deslocado do centro comercial e político da cidade, o bairro é sítio de intensas transformações infra-estruturais. Passa por um processo de consolidação, ainda não concluído, que melhora sensivelmente as condições de vida no bairro. Essas pequenas mudanças descaracterizam a ideia de "cidade dormitório" ou ainda "bairro dormitório", mas representam a dinâmica de elementos internos que elaboram e transformam o lugar, de acordo com especificidades e contextos geográficos locais. Atualmente, este processo de transformação é dividido pelos esforços de poderes públicos, além das próprias ações comunitárias. Buscamos, portanto, investigar um dilema: indícios de que as adversidades impostas pelo lugar e sua posição geográfica segregam o bairro dos "centros", acarretando dificuldades de variadas naturezas, ao mesmo tempo em que fortalecem a capacidade de resposta da comunidade/domicílio diante dos perigos.



O bairro multifacetado: os diferentes lugares, paisagens e perigos do Jardim Amanda
A vulnerabilidade do lugar obedece a diferentes tendências de percepções sobre os riscos identificados, a partir das vivências e experiências dos moradores. Por exemplo, as áreas mais próximas da lagoa e dos outros dois canais fluviais, demarcadas por certas feições características de inundação, são diferentes daquelas situadas no extremo limite do bairro junto à rodovia SP-127, na alta vertente (área mais consolidada do Jardim Amanda). O bairro mostra diferentes paisagens, níveis de infraestrutura, o que colabora para produção de diferentes percepções, em diferentes escalas espaciais. Os equipamentos urbanos (igrejas, escolas, centros de saúde e outros) não se distribuem proporcionalmente sobre a área do bairro. Dessa forma, as necessidades e problemas relacionados aos riscos do lugar são compostos por contextos geográficos específicos, de microescala: como a presença e ausência de ruas pavimentadas, coleta e tratamento de esgoto, rede elétrica, comércio, transporte, igrejas, escolas e outros.

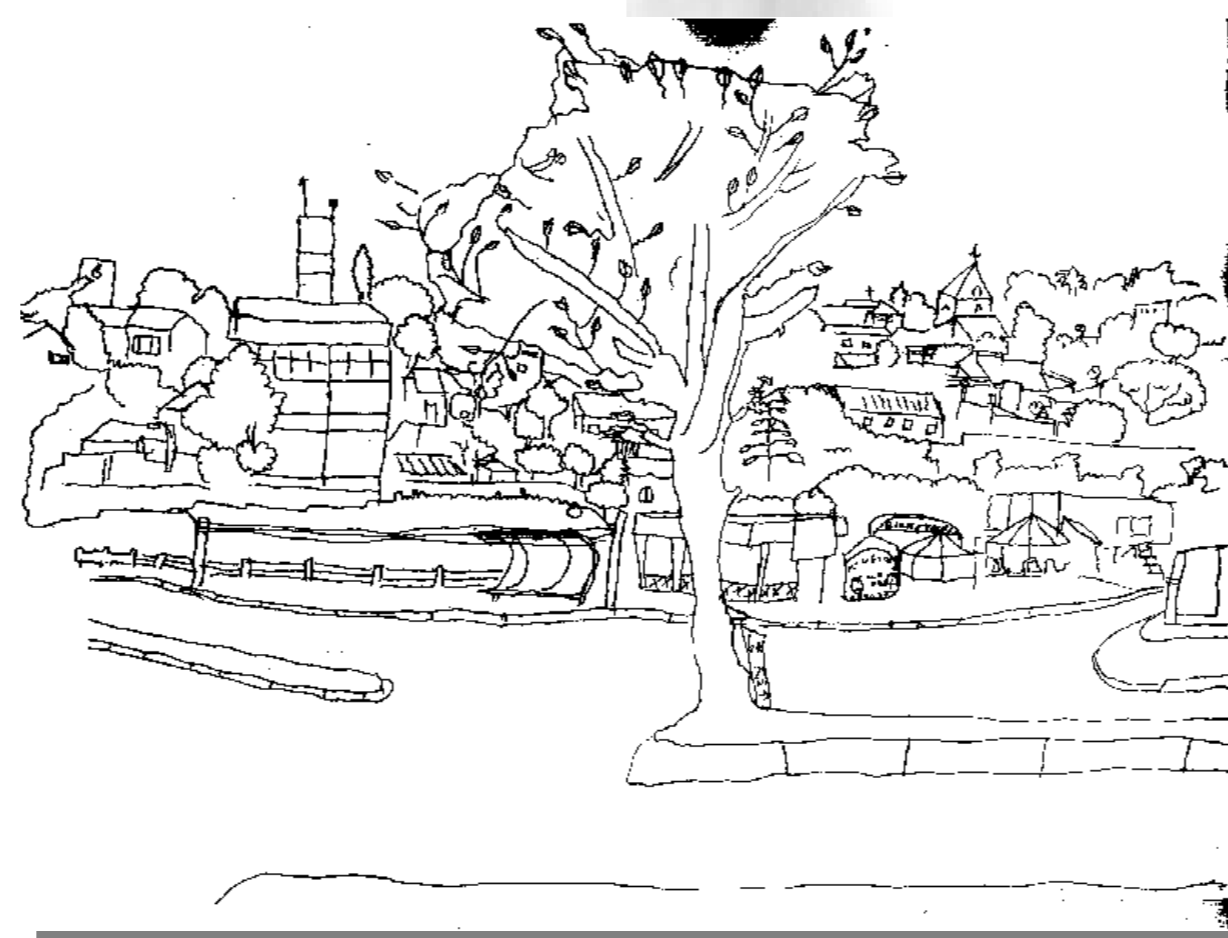
Luiz Tiago de Paula

Bolsista PIBIC/CNPq do Núcleo de Estudos de População e graduando do Instituto de Geociências (NEPO/IG/UNICAMP) luiz.paula@ige.unicamp.br

Daniel Joseph Hogan

Demógrafo e Sociólogo, Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Pesquisador do Núcleo de Estudos de População (NEPO/UNICAMP) hogan@nepo.unicamp.br

Da percepção à experiência ambiental no bairro



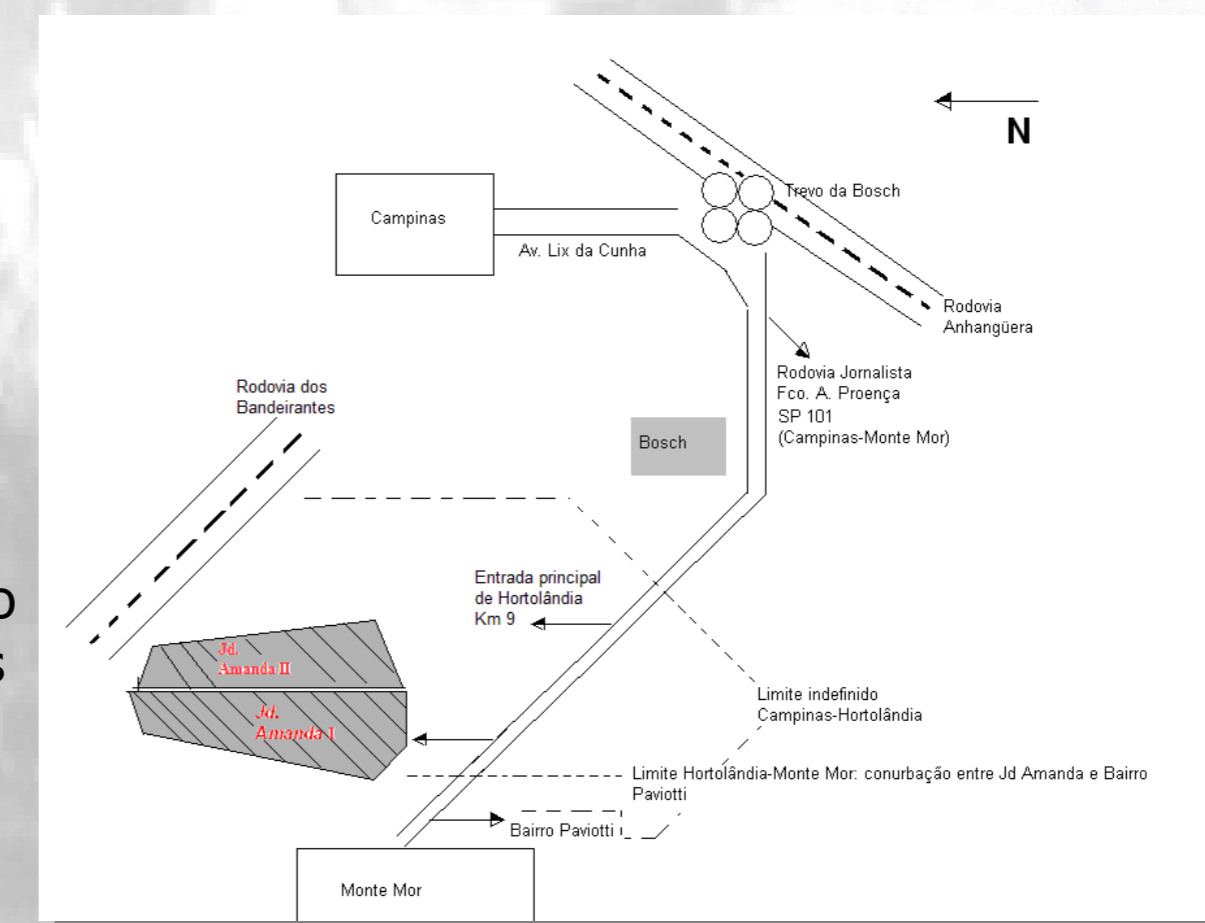
PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM AMANDA: A PAISAGEM COMO ELEMENTO DE LEITURA E FENÔMENO VIVIDO

Com intuito de produzir conhecimento e habilidade espacial no lugar, os primeiros trabalhos de campo foram feitas anotações de diferentes naturezas sobre o bairro. Essa forma de explorar o lugar foi nos orientada por um método proposto por David Pocock, que dividi-a em três etapas: I) Conhecimento prévio sobre o ambiente, ou seja, descrever o que se sente, percebe ao se estar no lugar, esforçando-se para por "entre parênteses" as concepções pré-existentes sobre o bairro. II) Representação ambiental: por desenhos, croquis e mapas. III) Descrição dos elementos qualitativos da paisagem, assim como aqueles prendem a atenção do observador (atributos materiais).

EXPERIÊNCIA AMBIENTAL: OS TRABALHOS DE CAMPO EXPLORATÓRIOS

Considerando os perigos e riscos como fenômenos híbridos, de naturezas multifacetadas, constatamos que os mesmos não estão estampados "em placas", passíveis de serem observados. Portanto, o conhecimento do lugar a partir experiência em trabalho de campo compõe o cerne desta pesquisa.

Conhecer o ritmos do bairro e a relação que as pessoas constroem cotidianamente no lugar, foi que buscamos compreender qual a capacidade de enfrentamento a riscos e perigos (vulnerabilidade) do Jardim Amanda. O envolvimento com o lugar revelou que o bairro possui diferentes paisagens, produto das "histórias" do lugar: diferentes períodos de ocupação, distintas pessoas e perfis sócio-demográficos, que têm em sua essência a própria história do processo de urbanização da cidade de Hortolândia, mas que carrega em si suas singularidades que o torna único.



Paisagem e Vulnerabilidade: uma aliança para a compreensão dos perigos ambientais do lugar



A lagoa

Devido à ausência de tratamento e coleta de esgoto em algumas áreas do bairro, águas contaminadas de resíduos domésticos têm seu destino nas regiões mais baixas do bairro, onde fica a lagoa. Esta configura lugar de lazer para alguns moradores, principalmente para os mais antigos. Antes, local de pesca e de descanso declarado, hoje alguns reclamam da cor e do cheiro da água, mas continuam a pescar: envergonhados, alegam que é pesca esportiva – físgam, retiram e depois devolvem o animal à água. Existe um projeto da prefeitura para revitalização da lagoa do Jardim Amanda e uma construção de um Parque Ecológico em seu entorno.



A entrada do bairro

Avenida Santana: saída da rodovia SP-127 e entrada do bairro Jardim Amanda I. Faz parte de uma das áreas mais antigas do bairro. Os acessos ao transporte, comércio e outros serviços são relativamente fáceis, que revela um fragmento consolidado, dentro do contexto urbano e metropolitano do bairro.



Rua (14) Carlos Chagas

A rua é exemplo de onde a pavimentação das ruas é recente. O lugar exemplifica as áreas que estão exatamente entre o "provisório" e o "consolidado". As casas construídas, geralmente pelos próprios moradores, não possuem tamanhos e formas definitivas, porém parte da rede de esgoto e energia elétrica já está instalada.



Rua (07) José de Anchieta

Em relação as outras áreas do bairro, a rua se encontra em avançado estágio de consolidação. Já contém o tripé da infra-estrutura urbana: asfalto, rede elétrica e tratamento de esgoto. O comércio (bares e mercearias) já se estabelecem no lugar, de forma incipiente, e algumas árvores são visíveis nas calçadas, tornando a paisagem mais acolhedora.



Rua (70) Silva Jardim. Implantação da rede de esgoto, Jardim Amanda II.

Rua (70) Silva Jardim

Área onde ainda não há tratamento e coleta de esgoto. Perceba que, nesta imagem à esquerda, há casas a baixo do nível da rua (à calçada da direita) e outras acima (à calçada da esquerda). Em épocas de chuva, ocorre inundação e alagamentos das casas, mas em diferentes proporções. As casas que tem o nivelamento do terreno à baixo do nível da rua sofrem mais com as cheias, revelando assim que os perigos ambientais têm origens híbridas: são sociais e econômicos, ao mesmo tempo que geográficos.

A placa diz

"É proibido ocupar, vender, transferir ou doar imóveis na área da prefeitura, das ruas 70 e 75 do Jd. Amanda, pois as famílias serão transferidas. Quem comprar ou vender não será atendido pelo programa de moradia popular do município com o CDHU. Esta área verde será recuperada posteriormente pelo meio ambiente."

Que "meio ambiente" é este? O que essas pessoas realmente querem? Querem melhorar/reformar sua moradia, ou saírem do lugar? Como percebem os perigos essas pessoas afetadas? Por que essas pessoas ficam e enfrentam o perigo ao invés de abandonar as áreas de alto risco? Será que elas não entendem plenamente os riscos ou têm outras estratégias para enfrentá-lo? São tais pessoas mais expostas aos perigos?

